

FEIRA LIVRE: ESPAÇO DE MEMÓRIA, SOCIABILIDADE E AFETIVIDADE ETNOGRAFIA DAS FEIRAS LIVRES JOSEENSES

Tamiris Faria Passos, Lidiane Maria Maciel.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, tamifpassos@gmail.com, lidiane@univap.com.br.

Resumo

O presente trabalho buscou analisar as relações sociais e afetivas presentes nas feiras livres, tendo em vista a escolha de duas feiras para observação, o objetivo da análise foi pontuar e discorrer sobre as características e particularidades existentes nas feiras observadas, e evidenciar sua importância na estrutura da sociedade e da comunidade. As feiras são situadas na cidade de São José dos Campos, interior de São Paulo, sendo a primeira localizada na região da Vila Industrial, ao leste, e a segunda ocorre na região sul, no bairro Satélite. A partir de um exercício etnográfico, a pesquisa foi feita seguindo os princípios do trabalho de campo com embasamento bibliográfico, mediante livros, artigos, dissertação de mestrado e tese de doutorado. Dessa forma, conclui-se que as dinâmicas de sociabilidade, manifestações culturais e mêmicas nas feiras são fundamentais para a dinâmica dos territórios estudados.

Palavras-chave: Feira livre. Sociabilidade. Memória. Afetividade.

Área do Conhecimento: Antropologia

Introdução

A feira livre é um lugar de diversas convivências e trocas sociais e comerciais, um espaço de variados aspectos passíveis de observação e ricos em significados que auxiliam na compreensão da dinâmica social presente nesse contexto rotineiro da sociedade brasileira. A alimentação, por sua vez, possui grande significados e simbologias para o homem, indo além do simples consumo (Oliveira, Veras, Prado, 2009.), e a compra e escolha desses alimentos se inserem nessa dinâmica, sendo a feira um lugar afetivo, de vínculos e simbologias.

O trabalho etnográfico contou com a análise de duas feiras de São José dos Campos, tendo em vista suas diferenças estruturais e sociais, e pontuando suas características acerca da sociabilidade e suas dinâmicas de afetividade. Dessa maneira, as bases teóricas utilizadas fundamentaram-se no conceito de lugar de memória, sociabilidade e espaço, delimitados pelo âmbito da feira livre. Para Pierre Nora, os lugares de memória são simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais, é o lugar onde se garante a “cristalização da lembrança e sua transmissão” (Nora, 1993, p.21-22), assim sendo, a feira livre um lugar de memória rico de uma certa comunidade.

Para complementar tal discussão, foi trabalhado o conceito de espaço público e privado partindo da pesquisa de Roberto DaMatta. Uma vez que na sociedade brasileira há uma oposição entre os espaços da casa e da rua, se estuda sua relativização e dinâmica. De acordo com DaMatta (1997), há espaços na rua que são apropriados por comunidades e tornam-se parte da “casa” (DaMatta, 1997, p. 39), dessa forma, a feira ultrapassa a fronteira entre público e privado, assim sendo aprofundado ao longo da pesquisa.

Nessa perspectiva, o espaço público, e nesse caso, a feira livre, se constitui de manifestações sociais de extrema relevância para formação desse lugar enquanto espaço de sociabilidade. Para Sato, é através da multidão, entre feirantes e frequentadores, que a feira é fundamentada. (Sato, 2012, p.119) Dessa forma, o trabalho etnográfico teve como objetivo discorrer e relacionar os conceitos apresentados com a pesquisa realizada.

Metodologia

japoneses, quanto uma população amarela de feirantes e frequentadores, que zela uma relação de proximidade e afeto.

Na primeira feira analisada, ao leste, foi perceptível que seu público predominante eram os idosos, que mantêm uma relação de vizinhança e amizade, muitas vezes acompanhados por seus netos. Apesar de alguns idosos estarem desacompanhados, nunca estavam sozinhos, uma vez que a feira evidencia os vínculos presentes entre o público, que ao decorrer do “fazer feira” mantinham conversas cotidianas e demonstraram o afeto ao espaço compartilhado. Durante as idas à mesma feira, foi possível analisar as diversas interações existentes, conversas de atualizações da família, assuntos cotidianos, repletos de lembranças passadas e reencontros de antigos conhecidos. De acordo com Mendes, Oliveira e Teixeira (2017), “As recordações das vivências dos sujeitos tornam o lugar pleno de sentidos e representações sociais que marcam a memória do grupo social que o vivenciou/vivencia.”(Mendes, Oliveira e Teixeira, 2017, p.134), dessa forma, a feira livre entende-se como espaço de produção ativa de uma memória individual e coletiva da comunidade que a sustenta.

A feira da zona sul, em comparação a primeira feira, carece do aspecto de familiaridade, uma vez que seus frequentadores não demonstram uma relação de proximidade nostálgica entre si, ainda sim, a feira reflete sua aparência social e simbólica. Seu público, majoritariamente famílias, vivenciam o espaço de socialização inerente à feira livre, tornando-se um lugar de tradição familiar. Os fregueses e feirantes de descendência asiática evidenciam os laços de proximidade e identificação, e conservam uma tradição cultural, sendo característico da sociabilidade desta feira em específico.

Apesar das diferenças, as duas feiras compartilham da mesma característica de sociabilidade, mesmo com suas particularidades descritas. Um ponto de convergência nessa sociabilidade é a área de convívio concentrada nos trailers de pastel, característicos e tradicionais das feiras livres do país. A compra do pastel, muitas vezes, é entendida como “parada obrigatória” no percurso da feira, é possível observar muitas pessoas que consomem o pastel antes ou depois das compras, mas também existe a parcela dos frequentadores que suas idas à feira se restringem exclusivamente no momento de comer o pastel e tomar um caldo de cana. Por esse motivo, o “ponto do pastel” é uma área referência de ricas socializações, onde a comunidade se apropria do espaço para criar laços e tradições culturais e familiares.

Figura 2 - Pai e filha fazendo feira



Figura 3 - Filha imitando pai com carrinho



Fonte: Foto autoral (2023).

A relação familiar assume um papel de destaque na dinâmica da feira, nas Figuras 2 e 3, por exemplo, registram a ida de um pai e uma filha à feira da zona sul da cidade, na qual a criança leva um

carrinho para imitar o pai, aprender a fazer feira e pertencer ao espaço assim como o pai pertence. De acordo com Neves e Silveira (2020), “A aprendizagem se dá no espaço das transições de experiência, quando um indivíduo emerge em uma cultura, com as trocas através da comunicação e hábitos, acontece a aprendizagem” (Neves, Silveira, 2020, p.7). Dessa forma, a feira se reafirma enquanto espaço de afetividade e de transmissões de sabedorias, costumes e vivências.

Discussão

Como foi analisado e descrito, o momento da feira vai muito além da simples compra de alimento, sendo um local de sociabilidade e aprendizagem social, o lugar onde as pessoas vão, não por obrigação, mas como uma programação do dia. A compra deixa de ser uma tarefa individual, submetida à uma pessoa específica da casa, e passa a ser uma momento familiar, para passar o tempo junto. Diferentemente da dinâmica de supermercados, as idas à feira têm um significado íntimo e de socialização, e que remete à lembranças e tradições familiares. De acordo com Lacerda e Mendes (2019):

Os laços que ligam o passado e o futuro são ativados pelo conjunto de práticas que transitam entre os sujeitos sociais que ocupam o espaço da feira. Entre essas práticas estão as histórias contadas em torno do produto, a cultura que o abarca, o sabor, o gosto, as pessoas envolvidas no processo até o consumo do alimento. (Lacerda, Mendes, 2019, p.148.)

Dessa forma, a feira apropria-se de sua posição de lugar de lembranças e sabedorias, e se faz participante da produção da memória daqueles que a frequentam, contribuindo para um imaginário afetivo da feira livre. Assim proposto por Nora (1993), se caracteriza lugar de memória quando existente uma “aura simbólica”. (Nora, 1993, p. 21) A feira, enquanto lugar de memória, consiste em uma dualidade, em que se fecha sobre sua identidade, amarrada a preceitos e predefinições, mas que constantemente se mantém aberta sobre a extensão de suas significações (Nora, 1993, p.27).

Ao estudar uma sociedade, é necessário entender e interpretar o espaço em que ela se encontra, para assim compreender todas as facetas da comunidade estudada, suas relações sociais e de valores são atreladas ao seu espaço de vivência. (DaMatta, 1997, p.19) Por esse motivo, no presente trabalho, aprofundou-se as relações dos espaços públicos e privados, e como a feira livre se insere nessa lógica, a fim de compreender a sua importância no âmbito social da comunidade. A relação do privado e do público, a casa e a rua, mostra-se uma oposição complexa e dinâmica, mantendo-se um vínculo de mutualidade (DaMatta, 1997, p.39) que ultrapassa o limite da espacialidade, e se afirma enquanto conceitos sociológicos de “entidades morais, esferas de ação social, [...] capazes de despertar emoções, reações, leis...”. (DaMatta, 1997, p.8)

Nesse sentido, apesar do espaço da rua refletir uma impessoalidade, sua definição não se restringe a isso, e a complexidade da sociedade brasileira torna a casa e a rua oposições complementares, capazes de se relativizar. De acordo com Roberto DaMatta (1997), “as festas de rua são carnavalescas e unificam por meio de uma visão onde rua e casa se tornam espaços contíguos [...]” (DaMatta, 1997, p.44), a partir dessa perspectiva, relaciona-se a feira enquanto espaço de continuidade da casa na rua, uma vez que se fundamenta em um espaço de pessoalidade, de “intimidade anônima”. (Sato, 2012, p. 116)

De acordo com Sato (2012), a feira livre é um lugar que potencializa o encontro de conhecidos e seus encontros, e “torna familiares os desconhecidos que vêm e se veem na feira.”. (Sato, 2012, p.113). A intimidade anônima citada em “Feira Livre: Organização, trabalho e sociabilidade”, Leny Sato (2012), se refere a capacidade do ambiente da feira de aproximar desconhecidos, que se conectam através do ambiente de pessoalidade. Durante as idas às feiras analisadas, encontrou-se conversas espontâneas acerca da vida pessoal, sobre família, a rotina, atualizações da vida, acontecimentos passados e tópicos atuais, como futebol e política, conversas que integram o espaço ao seu público.

Conclusão

O presente trabalho comprometeu-se a examinar as manifestações sociais presentes na feira livre através do exercício etnográfico. A pesquisa de campo realizada proporcionou a análise das dinâmicas de sociabilidade existentes em duas feiras livres da cidade de São José dos Campos, assim como suas particularidades e subjetividades. A partir das análises feitas, realizou-se reflexões acerca das bases teóricas trabalhadas ao decorrer do artigo, como o lugar de memória, sociabilidade e espaço público e privado, relacionando-as com o recorte das feiras livres.

As feiras são mosaicos, lugares onde há a manifestação da multiplicidade que se completa (Lacerda, Mendes, 2019, p.144), por esse motivo, a análise desse espaço de memória se faz enriquecedora na compreensão dos diversos aspectos que permeiam a sociedade brasileira, e no presente estudo, delimitando a comunidade joseense e como a mesma se relaciona com seu meio. As regulares idas às feiras analisadas possibilitaram a imersão na vivências do “fazer feira”, que contribuiu para o aprofundamento de suas questões, dessa forma, podendo analisar as dinâmicas das feiras enquanto participante do espaço e da comunidade.

A partir dos estudos e análises, pode-se concluir que o espaço da feira é permeado de afetividade, derivada de suas relações sociais, familiares e de lembranças. A feira excede a simples compra de alimentos e se identifica enquanto lugar simbólico, de sociabilidade e aprendizados, passível de construção de narrativas e memórias que agregam na identidade de um grupo. Ademais, a feira se faz um espaço público que acolhe sua comunidade, que se apropria do lugar e se fortalece em seus vínculos e tradições.

Referências

DAMATTA, R. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LACERDA, F. R., MENDES, G. F. **A Feira como Lugar de Memória: imagem, patrimônio e tradição na produção do espaço geográfico**. Para Onde!?, Porto Alegre, v.12, n.1, p.141-154, 2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde>

NEVES, C.; SILVEIRA, I. **Narrativas urbanas: é dia de feira, quem quiser pode chegar? Um olhar sobre a feira de rua como patrimônio imaterial**. VIII CONINTER- Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Maceió, 2019.

NORA, P. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. Proj. História, São Paulo, 1993.

SATO, L. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.